

O IRRACIONAL EM TEIXEIRA DE PASCOAES

Quando Teixeira de Pascoaes publicou, em 1937, o principal texto filosófico do seu percurso literário, *O Homem Universal*, tinha penetrado os aspectos fundamentais do que ele próprio disse ser o seu *pensamento poético*¹, adjectivação que exprime ser o pensar especulativo pertença do vate que filosofa sobre a matéria de que são feitos os seus versos: o sentimento poético, as conjecturas instantâneas sobre o real e as adivinhações do sentido ou os pressentimentos do absurdo da existência, que neles dispersamente se ocultam, tornam-se conteúdos de experiência filosófica, itinerários de descoberta de uma linha especulativa que permite ao poeta falar de *o pensamento central* da sua obra, levando ao ano de 1897, que coincide com a publicação da segunda parte de *Belo*, o marco de nascimento da sua *ideia sentimental* ou *poética*, a substância filosófica da sua criação literária ou do seu visionarismo de bardo-pensador, a que voltaria, em 1951, no texto aforístico de *A Minha Cartilha*, do qual disse ser o «resumo elucidativo» das «minhas ideias sentimentais»².

O Homem Universal é a auto-biografia intelectual do poeta ou o auto-retrato do poeta em acto de filósofo. A sua situação na curva mais alta da obra madura de Pascoaes é aspecto a não esquecer, senão presos ficaríamos na malha de intencionalidades de *O Homem Universal*, caindo em crer que o pensamento que desentranha dos escritos, desde o longínquo 1897, neles sempre se manteve incólume, como que talhado numa só peça ou adejando o universo das suas ideias por sobre a poesia e nesta sucessivamente incarnando até ao momento da sua autorevelação hermenêutica em 1937. É necessário

¹ Cf. *O Homem Universal*, Lisboa, Edições Europa, 1937, p. 129.

² *A Minha Cartilha*, Figueira da Foz, s.e., 1954, p. 5.

pensar o real valor do que Pascoaes cifrou nestas duas passagens: «[...] o verdadeiro assunto deste livro é o drama da vida e o seu actor.»; «O drama cria o actor [...]»³ Pascoaes criou o drama do filósofo no drama do poeta que sempre foi. A apresentação do seu pensamento em 1937 é, de facto, uma criação de 1937 no modo orgânico de concepção do homem, do cosmos e da existência. Ao elevar-se ao aprofundamento teórico dos seus filosofemas dispersos nas obras anteriores, Pascoaes reinventou pela filosofia o universo literário que criou: não só gerou uma filosofia da sua experiência estética como por esta filosofia penetrou nos temas e problemas que a alteridade do ser põe irrefragavelmente à consciência humana.

O Homem Universal, pelo nível da reinterpretação do sujeito de que tece a biografia ou a dramaturgia, enquadra-se perfeitamente, tal como *A Minha Cartilha*, no universo recorrente da ficcionalidade literária de Pascoaes. É Pascoaes tomando Pascoaes como sujeito de diálogo, não de solilóquio, espécie de desdobraimento criador de si em outro: duplo ou fantasma, o mais íntimo desse eu que é, na superfície da história biográfica, o actor do drama que se narra, mas que, em verdade, não é já o eu, antes o nível irracional de onde este acontece ou devém. Este é o processo pelo próprio Pascoaes afirmado no «Prólogo» de *O Homem Universal* — «Escrevi este volume [...] como quem conversa, em voz alta, consigo mesmo.»⁴ —, processo susceptível de ser perseguido em obras de estilo reflexivo como *Verbo Escuro* (1914) e *O Bailado* (1921).

Não diz aí Pascoaes que a «nossa pessoa é o nosso passado», a verdadeira «criadora do Drama, onde somos um spectral personagem»? É ela que odeia, sofre, ama, ou antes, *finje* «o que, em nós, é ódio, dor e amor»⁵. E à pergunta: «Eu? Apenas o nome que me deram; uma pequena partícula sonora e fictícia do meu ser.»⁶ O que quero realçar desde já é que o conceito pascoaesino de “eu”, votado explicitamente contra o intelectualismo cartesiano ou o formalismo kantiano, não só se apresenta com valor para a teoria estética dos processos da criação literária, já que esta teoria vê no eu o ser que finje e gera o drama ficcional da sua invenção, mas também para a gnosilogia desen-

³ *O Homem Universal*, p. 8.

⁴ Cf. *ibidem*, p. 7.

⁵ *Verbo Escuro*, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d., aforismo VII, p. 40.

⁶ *O Bailado*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 27.

tranhável das páginas reflexivas do poeta, para a qual o eu é um intermédio entre o real conhecido e o real de que não há definição: o imponderável, o oceano sem margens onde a existência voga e a vida se enraíza.

O Homem Universal não está desenquadrado do universo literário do poeta, no qual, aliás, a tendência para a fabricação imaginante dos fraccionamentos do eu é observável: na intensíssima relação poética com as coisas e os seres, evocada como osmose do eu com as coisas ou de libertação de eus no eu que com as coisas convive, e na enigmática relação do eu a si próprio, que o faz encontrar-se com o anónimo de uma força que o sobrepuja, que é anterior à consciência que vive o mundo como obra, na aparência, sua.

As simbólicas do eu e da sua negação são vividas poeticamente. Toda a poesia de Pascoaes, de forma mais ou menos aguda, tem nelas um manancial temático perene. Constituem também um importante veio filosofante da obra reflexiva. Sobre elas se funda a estese do sentimento poético como ordem intuitiva de apreensão do ser e da sua verdade, com absoluta anterioridade ontológica sobre as ordens mais pobres da razão e das suas lógicas diurnas. É este o esteio de ideias que maioritariamente caracteriza a filosofia irracionalista do conhecimento e do ser que o poeta especulativo contrapõe liminarmente às filosofias racionalistas, positivistas, empiristas e materialistas. Reagindo, Pascoaes ergue uma *filosofia poética* ou *intuitiva*⁷, essencialmente vista segunda a unificação operativa da razão com o transe da inspiração, nessa unificação assentando a deriva por que quer provar que a filosofia e a poesia se irmanam na mesma fonte de sapiência sem posse que é o ser.

As coordenadas que o levam ao irracionalismo poético como forma filosófica superior, assestada contra a filosofia dos *filósofos de profissão* que desconhecem o poder cognoscitivo da intuição e das potências afectivas do sentimento, levam-no igualmente a querer superar a relatividade do saber científico ou racional, que corre na superfície dos fenómenos, pela sua harmonização com o conhecer intuitivo, o que daria a face do real na unidade verdadeira do fenómeno e da essência. É o traço mais saliente do seu irracionalismo: o apelo à comunidade amorosa do ser e do conhecer, consentâneo com a tese da inteligência

⁷ Cf. *O Homem Universal*, pp. 140-141 e 148.

humana como um todo que cadencia os processos lógicos da razão com os voos intuitivos e criadores da inspiração.

Interpreta, por isso, a inteligência humana como inteligência dedutiva e indutiva e como inteligência intuitiva ou poética. Erradamente se suporia a cisão na natureza da inteligência, que é contemporaneamente científica e poética, pelo que formalmente são erradas as teorias filosóficas que optam por dividir o que é inconsútil no acto cognoscitivo de apreensão do real, já que este sempre se oferece nas faces formal e substancial⁸. A condenação do conhecimento racional ou científico só existe para as filosofias que o tomam como forma mental exclusiva a que aderem. Do mesmo modo, uma filosofia absolutamente intuitiva, votando ao desprezo a fenomenalidade, é desaprovada pelo poeta.

O movimento conciliatório do real científico ou mediato e do real poético ou imediato é concebido segundo a imagem do traço que, ao mesmo tempo, separa e une, que frontaliza dois tipos distintos de conhecimento, ambos reclamados pela tarefa humana de compreensão do ser⁹. O que habilita a inteligência para esta tarefa é exactamente o recurso à reconcentração, nela, do intuitivo e do racional, o que supera o aspecto meramente fenoménico da investigação científica. Neste contexto se mostra pertinente a teoria unitiva das faculdades humanas, que aquela reconcentração não deixa de supor, pela qual pensa Pascoaes a totalidade da vida consciente, sensível, racional e afectiva, que contempla pelo seu conceito de *homem universal*, o ser humano pleno, síntese do poeta, do sábio e do filósofo¹⁰.

No valor de tal síntese mergulha a sua concepção da vida cogitativa, do acto de conhecer como processo nupcial de convívio com uma realidade infinita de motivos, nunca captável pelas estruturas conceptuais, mas perenemente brotando como anúncio, aparição e revelação. Por isso, sobredeterminando-se às lógicas do conceito, a inspiração poética — que é designativo, em Pascoaes, do que classicamente se entende por intuição metafísica ou directa — faz-se o órgão do original contacto com o invisível, desvenda em nós «a música remota das

⁸ Cf *ibidem*, pp. 35 e 161.

⁹ Cf. *ibidem*, p. 161.

¹⁰ «Por isso, na minha obra, sempre considerei o homem um valor absoluto na sua actividade espiritual, que é a síntese consciente do Universo: consciente e emotiva, ou científica e poética.» (*Ibidem*, p. 25.)

esferas», espécie de «visão auditível do Universo»¹¹. Ela é, ainda em sua expressão, «a intuição orfaica»¹², a intuição cuja medida se mostra desproporcionada com a faculdade do visível, a razão, e que é, para esta, um irracional onde Pascoaes perscruta a principialidade do ser mesmo da própria razão. Confirma-o em *O Homem Universal* quando concebe que o conhecimento racional se apoia em irracionais ou quando, já próximo da visão sagrada do ser, nos fala do *conhecimento teológico supra-racional*, «porque excede o racional em que se firma, como o telescópio excede o olho»¹³.

Exceder é transcender ou actuar por transcensões contínuas, sobretudo quando o que se entremostra ao conhecimento é o imponderável do ser, o que não é mensurável e desorbita o molde, a forma e a geometria. Não sei onde Pascoaes foi buscar esta doutrina da excedência do ser no conhecimento, que marca de forma notável o seu irracionalismo poético. Não só está ela presente nas suas reflexões sobre a actividade cognitiva da inspiração como é actuante na visão cósmica da natureza, cuja essência está em exceder-se, excedência que a elevou do mineral e do vegetal ao animal e do animal ao espiritual, e não terminando neste, por tentativas se excede a penetrar no terceiro plano cognitivo, que é o plano da divindade pura, onde a consciência, a existência e o cosmos se glorificam de sentido e se divinizam¹⁴. Julgo que aí está um ponto de aproximação ao tema criacionista do excesso de Leonardo Coimbra, que terá fascinado Pascoaes por volta de 1951, posto que esta referência a extraí do texto de *A Minha Cartilha*. Outro ponto interessante na relação do acto conhectivo com a transcensão por excedências está em observar a sua proximidade com a teoria do conhecimento de Berdiaev, a que *O Homem Universal* rende homenagem¹⁵, já que o filósofo russo, que também importou a Leonardo Coimbra, concebe o conhecer na interioridade do ser, que, por isso, sempre o ser excede o conhecimento em verdade e em iluminação. Também para Pascoaes conhecer é conhecer a principialidade de estar radicado em primeira instância no ser, no qual originalmente se está, antes mesmo de o *cogito* desvendar

¹¹ *A Minha Cartilha*, p. 15.

¹² *Ibidem*.

¹³ *O Homem Universal*, p. 161.

¹⁴ *A Minha Cartilha*, p. 31.

¹⁵ Cf. *O Homem Universal*, pp. 37 e 55.

que é ou de direccionar-se para a reflexão de que o seu existir é caminho para a descoberta de que algo lhe preexiste e é o ser.

A intuição basilar de Descartes — *Eu penso, logo existo* — não adquiriu para o pensador francês (di-lo Pascoaes) a sua verdadeira amplitude: nela, o pensamento verifica a sua existência, mas para ir mais longe: reconhece-se como «expressão suprema da Existência: expressão filosófica e poética ou racional e emotiva»¹⁶. O destino desta crítica ao *cogito* cartesiano é esta, para Pascoaes: substituir o frio racionalismo da lógica cartesiana, que dificilmente concilia a vida racional do *cogito* com as emergências afectivas, por um racionalismo cordial, em instância última, o irracionalismo poético, tão atento à actividade lógica do *cogito* quanto atento aos alogismos que o abrem sobre o ser e para que o *sum* aponta. E para onde aponta? Para a ideia do infinito cuja realidade substance o poeta-pensador traduz no sentimento, a substância mesma da consciência, «a argila do seu perfil»¹⁷. O passo estava dado por Pascoaes no sentido da emergência de um *cogito* senciente, activo e penetrado pela luz tão clara quanto obscura da emoção; no limite, um *cogito* saudoso, feito da lembrança do ser: «[...] lembrança acordada nos poetas; esquecida nos outros, que são poetas esquecidos.»¹⁸ Lembrança que por ímpetos emotivos o *cogito* a si mesmo desvenda. É, pois, aqui que se torna visível que o conhecimento para Pascoaes toca a fimbria do seu saudosismo e se guinda ao plano cósmico onde o eu e o universo se dão por transubstanciadora visão, já não da ordem lógica da razão, mas da ordem alógica do amor, com paralelo único com a matéria glorificada pela acção do espírito, em cujo fogo se unem a sapiência e o amor.

O *homem existe porque pensa*, repete Pascoaes¹⁹; não como o propusera Descartes, mas no sentido do Pascoaes que quer levar o pensar à natividade do existir, para olhar na actividade cognoscitiva a fonte perene das afirmações cósmicas da existência: «Somos a nossa alma e somos tudo, sombra de árvore, hálito de zéfiro e este *cogito, ergo sum!* este: *sou eu! sou eu!* este grito do Verbo original saído das nossas entranhas e das profundezas da Natura.»²⁰ O que há neste

¹⁶ *Ibidem*, p. 33.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 50.

²⁰ *Ibidem*, p. 96.

testemunho da cosmicidade do *cogito* é a imagem da sua real pertença à origem de onde se ergueu e por que existe. Conhecer é, nesta medida sem medida, a sensação plena de «existir unida à ideia de ser»²¹, e o ser humano, nesse *cogito* cartesiano, é ser que «se espiritualiza, espiritualizando ou definindo o existente»²², mas com a consciência de que os bordos da definição sempre se liquefazem no indefinido. Com propriedade, «O homem é a definição do Indefinido.»²³

A intuição-inspiração, acto do *cogito*, atinge um real sem necessidade do processo de mediação por símbolos e signos²⁴. A intuição directa, interpretada pelas potências afectivas da inspiração estética, é considerada a fonte primeira do saber por ser o *espírito das coisas* revelando o seu cósmico sentido ao homem: «[...] é a Natureza feita voz, o inteligível tornado inteligência»²⁵. Que é, então, o *cogito* cartesiano? Na raiz, emoção poética e oceano de afectividade. O *cogito* de Pascoaes toma por necessário suprimir o “e” da *evidência* para revelar o sentido da sua anulação na *vidência*. «Ser uma coisa evidente é ficar reduzido a quase nada», comenta *O Homem Universal*²⁶.

Assim, à evidência, que é o processo de judicativamente definir o definido ou afirmar a coisa absolutamente definida — seja, na expressão do poeta, a *definição terminante*, sempre considerada falsa²⁷ —, opõe Pascoaes um outro tipo de definição: a *definição poética* — mais próxima do tipo do juízo estético que abraça a estese do belo e do sublime —, definição que «é um pouco indefinida ou idêntica ao objecto definido»²⁸. Quer dizer, a definição poética *participa* da natureza do objecto; não o conclui, antes o inclui, pois que o *participar* não é uma forma de oclusão mas de abertura ao inacabamento do sentido, para uma anunciação cujo significado ontológico afunda o objecto e afunda o nosso rosto no mistério. A definição poética aflora, não evidencia; é

²¹ *Ibidem*, p. 97.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Di-lo nesta passagem: «É claro que não há sinais nem símbolos, porque a Natureza não inclui segundas intenções. Mostra-se logo, imediatamente, aos que têm olhos de poeta. Mas, diante dum sábio, só à força ou violentada se revela.» (*Ibidem*, p. 102.)

²⁵ *Ibidem*, p. 161.

²⁶ *Ibidem*, p. 19.

²⁷ Cf. *ibidem*, p. 24.

²⁸ *Ibidem*. Cf. *ibidem*, p. 94.

da ordem da vidência e de seu exercício afirmativo. O que nela vige, quer em primeira instância, quer em segundo acto, é a verdade de que *as coisas se ocultam nelas próprias*²⁹. O processo do conhecimento poético é, então, este: «[...] a poesia não copia as formas; transcende-as, atingindo a sua essência.»³⁰ A linguagem essencialista e hipostasiante de Pascoaes está de acordo com a sua visão da poesia como actividade hipostasiante: conhecer poeticamente o real é hipostasiá-lo e hipostasiar é libertar o mundo do nada, possui-lo «em alma e corpo, nupcialmente, dramaticamente, à São Paulo ou Shakespeare»³¹.

A linha mais característica desta hipostasiação do real pela imaginação poética patenteia-se no rasgo de Pascoaes sobre o embrenhamento do sentir poético na realidade, o que o faz dizer que *o poeta é o ser interior a tudo*³² e que o ser é, por antonomásia, a poesia e o poeta, o jogo e o jogado, o incêndio e o incendiário, a água e o jorro, a onda e o oceano. A consciência de uma diatáxia do real reverbera nas afirmações de que nunca o real se pode dar no plano lógico dos conceitos, que o que se dá aí não é dádiva, brotar de ser sem mais explicações, sem mais razões do que *ir-e-vir*, mas superficialidade e, mesmo, violência. Ele é mais rico, e é mais, o infinito, e nenhum reducionismo de cognição, de linguagem e de saber pode dar a verdade do ser. O elogio da poesia contém uma opção nítida pela teorese que a faz gnose, via para o conhecimento do ser dado em verdade porque desnudado em essência. Mas o desnudamento nunca é real, pois o motivo do ser é mostraçõ e ocultamento.

Teixeira de Pascoaes reagiu contra as metafísicas eivadas de preconceitos clássicos, iluministas ou racionalistas, mecanicistas ou empiristas, para considerar o ser humano na universalidade do seu valor real como existência abrigada no ser, integrado, como gostava de dizer, na sua «verdade cósmica ou no seu poder representativo do Universo, que lhe é interior e essencial»³³. Apontou como via o irracionalismo poético, uma forma metafísica de intuicionismo imanentista e vitalista, que subsume o conceito de razão como um irracional que se particulariza em raciocínios, tal como na seguinte citação encontramos:

²⁹ Cf. *ibidem*, p. 24.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*, p. 10.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*, p. 56.

A razão não é o maior dos absurdos? Que é o nosso *eu* senão um irracional a desfolhar-se em raciocínios? Filósofa acerca de tudo, e a seu respeito não diz uma palavra. É negrume e exala claridade. Ilumina, mas não se ilumina. Fala, e é o próprio silêncio. Fala como se fosse a nossa pessoa, e é. Fala das coisas como se as tivesse debaixo da língua, e tem. É ele e tudo; e, portanto, sem antecedentes donde se possa deduzir, dado num ímpeto em que todas as forças se contêm, e sem pontos de referência, porque os inclui a todos igualmente. Não sabe quem é; mas sabe que é, que pensa e ama e sofre. E sabe que, sofrendo, é o sofrimento, e, amando, é o amor e, pensando o Universo, é o pensamento universal. É ele e o seu ambiente, o mesmo ser sem margens e cristalizado numa ilha, ou noite que se concentra numa estrela e permanece na sua infinita escuridão.

A razão é irracional, Deus humano, e sobrenatural a Natureza.³⁴

O estatuto de Deus coincide com o do espírito interior a tudo. Acreditar nele resulta de uma adesão irracional ou absurda, na medida mesma em que Deus é absurdo. Mas — medita — se não fosse ele «um absurdo, quem lhe ligaria importância ou acreditaria nele? Quem se atreveria a adorá-lo ou a negá-lo? Só amamos o absurdo e o impossível! E há nisto um grande sinal. É que o impossível pode deixar de o ser...»³⁵

Pascoaes parece inferir do absurdo e da impossibilidade da existência de Deus o possível da própria existência deste. E não são o impossível e o possível categorias do ser? A isso respondeu no modo do seu irracionalismo poético: «O ser é eterno, porque o Nada não atinge o absoluto.»³⁶

Manuel Cândido Pimentel
Universidade Católica Portuguesa

³⁴ *Ibidem*, pp. 12-13

³⁵ *Ibidem*, p. 113

³⁶ *Ibidem*, p. 34.

